

INFLUÊNCIA DA CONDIÇÃO SOCIOECONÔMICA NO COMPORTAMENTO ALIMENTAR DE UNIVERSITÁRIOS DO SEXO MASCULINO¹

Pâmela de Souza Dias

pandjoca@yahoo.com.br

Universidade Federal de Minas Gerais – UFMG

Jéssica Alessandra Santos Brito

jessicab_pro@yahoo.com.br

Universidade Federal de Minas Gerais – UFMG

Américo Pierangeli Costa

ampierangeli@gmail.com

Universidade de Brasília - UnB

RESUMO

Este artigo tem como objetivo geral analisar a influência da renda a fatores associados ao comportamento alimentar em homens universitários. Foram classificados e analisados os aspectos referentes aos constructos do instrumento de avaliação utilizado, com base na renda individual e familiar, para o caso do jovem residir com a família. Estes aspectos consistem em: saudabilidade, sabor, preço, segurança, conveniência e socialização e suas influências no comportamento alimentar. A coleta dos dados utilizados foi realizada através de questionários aplicados por meio de um *software* específico para *web surveys*. Para avaliar o consumo dos alimentos saudáveis fez-se uso do modelo desenvolvido por Missagia (2012). Após análise quantitativa dos dados, foi verificado que práticas saudáveis de alimentação sofrem influência da renda familiar dos estudantes, bem como da renda individual, e o fator preço é influenciado pela renda individual dos universitários.

Palavras chaves: Alimentação universitária, Renda, Comportamento alimentar.

THE INFLUENCE OF SOCIO-ECONOMIC CONDITION ON EATING BEHAVIOR AMONG MALE ACADEMICS

ABSTRACT

The article aims to analyze the influence of income in eating behavior of men currently studying at university. The aspects related to the constructs of the assessment instrument used were classified and discussed, based on individual or family income - for those who live together with their family. Above mentioned aspects consist of: healthiness, taste, price, safety, convenience, socialization and their influence on dietary

¹ Recepção: 08/01/2016.

Aprovação: 25/05/2016.

Publicação: 30/06/2016.

behavior. Questionnaires were applied through a specific web survey software in order to proceed with data collection. To evaluate healthy food consumption, the model developed by Missagia (2012) was used. After quantitative data analysis, it was possible to verify that healthy eating practices are influenced both by individual and family income. The price factor is also affected by students individual income.

Keywords: Student food, Income, Food behavior.

1. INTRODUÇÃO

As modificações familiares ocorridas na sociedade com o passar dos anos têm resultado em alterações de comportamentos. No caso dos jovens, a experiência universitária tem sido o início da independência dos pais e, em conjunto com esta independência, surge a necessidade de dedicar grande parte do tempo para estudo e/ou trabalho. Com isso, pode haver um aumento de hábitos antes não tão frequentes, como se alimentar fora de casa.

As despesas com alimentação fora de casa têm estado presentes na vida da população e tornam-se mais constantes com a melhoria da renda. Porém, a frequência deste hábito está positivamente relacionada ao aumento do peso, fato que pode ser evidenciado pelas escolhas não saudáveis disponíveis em restaurantes e ao maior consumo. Em resposta a isso, têm ocorrido mudanças nos comportamentos alimentares da população e aumento na demanda por alimentos mais saudáveis (LIMA FILHO *et. al*, 2014).

A perspectiva universitária representa a possibilidade de construção de práticas alimentares saudáveis, seja através de intervenções sistematizadas que contemplem o caráter multidimensional da alimentação no planejamento de políticas públicas, como por ações de assistência a promoção e educação em saúde. Sendo, portanto, a alimentação um fator ao mesmo tempo biológico e cultural, as intervenções educativas precisam partir do conhecimento do consumo (ALVES; BOOG, 2007).

Os consumidores, considerando os universitários como um segmento significativo, apresentam necessidades que pretendem suprir através da aquisição e do consumo de alimentos, os quais atuam como motivações. Estas os levam a fazer determinadas escolhas, resultantes do conjunto de prioridades e valores alimentares construídos por eles (MISSAGIA, 2012).

Além disso, os fenômenos relacionados a transformações no contexto social, político e educacional ocorridos nas últimas décadas, entre eles o prolongamento da escolaridade e a elevação das taxas de desemprego, especialmente entre os jovens, contribuiram para que os universitários ocupassem um novo lugar em estudos sociais (ZAGO, 2006).

Com base nessas perspectivas, este artigo objetiva analisar as influências da renda nos fatores associados ao comportamento alimentar saudável em homens universitários. Para isto, ele será estruturado da seguinte forma: a seguir será apresentada uma breve revisão sobre o perfil do universitário e as características socioeconômicas deste. Posteriormente introduzir-se-á a metodologia utilizada no estudo, os resultados encontrados e discussões pertinentes, encerrando com as considerações finais.

2. PERFIL DO UNIVERSITÁRIO

É cada vez maior o número de brasileiros que conseguem ingressar no ensino superior. De acordo com BRASIL (2014), houve um aumento de 3,8% nas matrículas no ensino superior em relação a 2012. Essas estão distribuídas em 32 mil cursos de graduação, oferecidos por instituições de ensino públicas e privadas. Em 2012, o percentual de brasileiros frequentando o ensino superior representava quase 30% da população brasileira com faixa etária entre 18 a 24 anos.

Muito desse aumento se dá pela forte expansão do ensino superior brasileiro, como demonstram Almeida *et. al* (2012). Em seu trabalho, os autores afirmam que tal expansão era historicamente necessária, tendo em vista a necessidade de elevação da formação por parte da população. Porém, fica claro que esta expansão decorre da forte privatização da oferta disponível, uma vez que o setor privado atinge praticamente 90% das instituições de ensino superior.

Faria, Gandolfi e Moura (2014) alertam para a possibilidade dos jovens ingressantes na universidade adotarem comportamentos de risco à saúde em detrimento a dinâmica da vida acadêmica e alterações no estilo de vida. De acordo com esses autores, a entrada na universidade coincide com períodos de questionamentos acerca de valores, crenças, autonomia e estabelecimento de limites na influência parental.

O ingresso ao ensino superior desperta perspectivas relacionadas ao futuro, no qual o universitário pode ser, ou não, bem-sucedido. Este resultado depende de como é dado o ajuste ao novo contexto escolar. Na tentativa de obter resultados favoráveis, o aluno passa por transformações cognitivas, emocionais e comportamentais, como atitudes, valores e progresso moral, desde a inserção na universidade até os períodos finais do curso (GOMES; SOARES, 2013).

Vários fatores interferem nos hábitos de universitários. No estudo realizado por Silva e Vizzotto (2013), observou-se que entre as tecnologias mais usadas por estudantes de ensino superior, estão o celular e o computador/internet. Verificou-se que muitos se privavam de necessidades fisiológicas como dormir e alimentar-se, ou ainda descuidavam-se de tarefas escolares, domésticas ou de trabalho para permanecer mais tempo empregando a tecnologia.

Vale ressaltar também as perdas resultantes da não finalização dos cursos ocasionando desperdícios sociais, acadêmicos e econômicos. A evasão é uma fonte de ociosidade de professores, funcionários, equipamentos e espaço físico. Entre 2001 e 2005, de acordo com base em dados do Inep, a taxa anual média de evasão no ensino superior brasileiro foi de 22%, com pouca oscilação, mas mostrando tendência de crescimento (FILHO *et. al*, 2007).

A seguir serão abordados fatores que influenciam na escolha alimentar dos universitários brasileiros, os quais impactam em seu modo de vida.

2.1 Escolhas alimentares

O meio acadêmico possibilita diversas mudanças na vida dos estudantes, tais como novas relações sociais e adoção de novos comportamentos. Esses novos comportamentos vem frequentemente em conjunto com situações de alterações psicossocial. Por isso, a adoção ou a

manutenção de hábitos saudáveis nessa fase, pode representar um importante passo para a consolidação destes (RAMIS *et. al*, 2012).

A mente do universitário, assim como de demais consumidores, recebe influências decorrentes da sua percepção do produto ou serviço. A atitude resulta de uma predisposição aprendida como resposta, a um produto ou serviço, em uma situação corrente favorável ou desfavorável (COBRA, 2009).

Os estudantes universitários brasileiros têm atitudes alimentares bastante semelhantes entre si. No estudo de Alvarenga, Scagliusi e Philippi (2012), foi observado que as atitudes alimentares inadequadas, mais os sentimentos negativos em relação a comer e os conceitos mais rígidos sobre alimentação normal, são mais frequentes nas regiões norte e nordeste, e as práticas mais restritivas e compensatórias no nordeste.

A preocupação com a adoção de uma alimentação saudável e com a manutenção de um peso também considerado saudável é uma realidade na sociedade de forma geral. Sabemos que a decisão de comer determinados alimentos em particular varia de indivíduo para indivíduo e que provavelmente existirão distintos fatores relacionados para compreender os determinantes de um comportamento alimentar (SILVA; RIBEIRO; CARDOSO, 2008).

Porém, o que pode ser considerado como uma alimentação saudável? De acordo com Ministério da Saúde (2012) uma alimentação saudável deve reunir as seguintes características: ser de valor acessível, valorizar a variedade, ser preparada de maneira tradicional e harmônica em qualidade e quantidade, ser naturalmente colorida e sanitariamente segura.

Para uma alimentação ser considerada saudável ela não precisa ser cara, deve ser colorida, saborosa e composta por alimentos diversos. É preciso, também, ser de qualidade, segura para o consumo e ser ingerida na quantidade certa (ANVISA, 2007).

É de relevante importância a influência de meios externos ao comportamento alimentar. O ambiente tem mudado durante as últimas décadas e oportunidades para comer alimentos altamente energéticos são onipresentes. De acordo com estudos realizados em universidades norte-americanas, os alunos não estão consumindo a quantidade recomendada de frutas e legumes e estão usufruindo de crescentes compras de alimentos ricos em gordura (DELIENS, 2014).

Em uma pesquisa realizada com estudantes universitários no sul do Chile, constatou-se que os hábitos alimentares deste grupo estão relacionados à satisfação com a vida e aos alimentos. Nestes indivíduos do estudo, a satisfação com a vida estaria associada a razões hedônicas ligadas à diversão, desejo por comida saborosa e a associação simbólica de determinados alimentos com ocasiões sociais de diversão coletiva, como carnes e refrigerantes, em vez de razões nutricionais ou por razões de alimentação saudável (MORALES *et al.*, 2011).

No Brasil, Duarte *et al.* (2013) constataram que os universitários estão mais suscetíveis a realizarem refeições fora do lar e que tal hábito repercute diretamente na situação nutricional. Alimentos consumidos fora do domicílio nem sempre são balanceados, e, em geral, são menos saudáveis quando comparadas às refeições caseiras. O meio universitário apresenta dificuldade para realizar de forma apropriada uma alimentação saudável e equilibrada em função de diversas situações, entre elas, a sobreposição de atividades, mudanças comportamentais e planejamento inapropriado do tempo.

Alves e Boog (2007) analisaram a alimentação de universitários residentes em moradia estudantil no município de Campinas, no ano de 2004. Os autores perceberam que a refeição de melhor qualidade dos estudantes era o almoço, sendo que este era completo para 72% dos entrevistados. O resultado encontrado se relaciona com o fato de a maioria dos universitários (63%) terem realizado esta refeição no restaurante universitário.

2.2 Hábitos saudáveis de vida

O conceito de estilo de vida saudável ainda não é consensual. Inicialmente, preocupava-se com o consumo de álcool e tabaco, com os hábitos alimentares e com a atividade física; já estudos mais recentes apontam para o consumo de drogas, acidentes e comportamentos de risco. A prática de atividade física tem um papel fundamental na promoção de um estilo de vida saudável, porém, parece que os estudantes universitários, de uma forma geral, não estão preparados para a transição do ensino médio em que a realização de atividade física é obrigatória, para outro em que ela passa a ser voluntária (DIAS *et al.*, 2008).

Inúmeras associações têm sido encontradas entre saúde e atividade física, uma vez que o exercício físico regular pode prevenir o ganho de peso e aprimorar o condicionamento físico. Apesar disso, o número de praticantes de atividade física regular atualmente é pequeno, como resultado das mudanças nas condições de vida e de trabalho, e a maioria das ocupações requer baixo gasto energético (SAVIO *et al.*, 2008).

Os universitários relatam possuir impemilhos para a prática de atividade física. Entre estes podemos destacar a falta de tempo, o estresse e o cansaço pela sobrecarga de trabalho ou estudo, ausência de instalações adequadas nas proximidades para a prática de atividades físicas e a falta de apoio social. É importante salientar que os universitários dedicam mais horas ao estudo e geralmente suas atividades de tempos livres são realizadas à noite (GÓMEZ-LÓPEZ *et al.*, 2010).

Um estudo realizado por Claumann, Pereira e Pelegrini (2014) identificou que existem fatores específicos que influenciam a prática de atividades físicas entre os acadêmicos de diferentes áreas de conhecimento. A prática de atividade física vigorosa é mais comum em praticantes do sexo masculino e em estudantes da área da saúde. Uma ampla divulgação de projetos para a prática de atividade física, que visam atender a um número maior de indivíduos e às suas diferentes necessidades, contribuirá para que existam menos fatores limitantes para a adesão esportiva.

Mielke *et. al* (2010) afirmam que poucos estudos têm analisado a atividade física no contexto acadêmico, sendo o deles um dos primeiros a ser realizado no Brasil com o intuito de avaliar a atividade física e seus fatores associados a estudantes ingressantes em uma universidade federal. Estes autores classificaram 57,1% dos acadêmicos analisados como ativos no domínio lazer, 59,1% ativos no deslocamento e 84,4% atingiram o mesmo critério em se tratando da atividade física total.

No contexto dos estudantes da área de saúde, Marcondelli, Costa e Schmitz (2008) analisaram o nível de atividade física de 281 estudantes dessa área na Universidade de Brasília. Eles observaram um alto nível de sedentarismo nestes universitários, com excessão dos alunos do curso de educação física, os quais tinham a atividade física incluída em sua

grade curricular. Os autores também verificaram uma tendência a um menor nível de atividade física em estudantes de menor estrato econômico.

No estudo realizado por Veroneze *et al.* (2016) verificou-se que fatores econômicos, como preço, e também fatores sociais, afetam as escolhas de consumo dos universitários e que não há diferenças significativas de consumo entre estudantes de faculdades particulares e públicas. Também se averigou que a maioria dos estudantes participantes não realizam atividade física paga, o que não significa necessariamente tratar-se de alunos sedentários, mas sim de estudantes que não gastam parte do seu orçamento com atividade física, pois o preço é um fator limitante. Desta forma, ressalta-se a importância do fator preço para consumidores universitários.

3. CARACTERÍSTICAS SOCIOECONÔMICAS DE UNIVERSITÁRIOS

Grande parte dos estudantes universitários são adultos jovens, adolescentes e adultos maduros, porém, a realidade psicossocial e as tarefas com as quais se deparam são diferentes. Como o objetivo geral da universidade é o desenvolvimento intelectual e social dos estudantes, os anos de educação estão mais correlacionados com medidas cognitivas, do que com a idade e com o nível socioeconômico (BARDAGI, 2007).

O nível socioeconômico é considerado uma variável demográfica na qual diferentes instituições, países e momentos históricos, utilizam diferentes definições em seus cálculos. De maneira geral, em estudos universitários que analisam os possíveis fatores associados a resultados de desempenho acadêmico, não é incomum encontrar aproximações do status socioeconômico, embora este componente ofereça informações valiosas na geração de políticas universitárias de inclusão dos alunos (VARGAS, 2014).

O processo de decisão de compra envolve vários fatores, o tempo necessário para procura, os aspectos visuais do produto, e o preço estar dentro do orçamento estabelecido. As atitudes de consumo das pessoas relacionam-se a um determinado estímulo com base em algo já construído anteriormente (COBRA, 2009). O contexto universitário aloca grupos de consumidores em que cada grupo possui preferências similares. O fator preço é uma característica que influencia as atitudes e preferências dos consumidores, portanto, as escolhas alimentares dos universitários e os fatores socioeconômicos dos mesmos estão significativamente relacionados.

A Reforma Universitária do governo Lula envolveu uma série de modificações, sendo o Programa Universidade Para Todos – ProUni o pilar na democratização da educação superior brasileira. Vale destacar outras medidas significativas tais como a ampliação das universidades federais, instituição de cotas para alunos da rede pública e “subcotas” para negros e indígenas em IES federais (CATANI; HEY; GILIOLI, 2006).

O ensino superior privado brasileiro, desde o fim dos anos 90 e início de 2000, vem ganhando uma nova configuração lucrativa. O estudo de Almeida (2012) demonstrou diferenças importantes entre três subgrupos de bolsistas do ProUni. Os bacharelados com melhor formação escolar, origem social e econômica, bem como condições culturais, encontraram-se em cursos e universidades mais prestigiados se comparado com os licenciandos e tecnólogos, estes em posições sociais mais desvantajosas.

Existe uma relação entre o nível socioeconômico e a carreira universitária, a qual pode estar diretamente relacionada ao nível de escolaridade dos pais. Quanto maior a renda dos pais dos aprovados, maior é o prestígio e a elitização do curso. Isso remete à efetividade das políticas públicas de acesso à carreira universitária. A universidade passa a ter um papel muito importante no sentido de se adequar às necessidades dos universitários economicamente menos favorecidos e, ao mesmo tempo, aperfeiçoar suas instalações, suas bolsas-auxílio e material de pesquisa para estes alunos (OLIVEIRA; MELO-SILVA, 2010).

Os universitários que não conseguem apoio financeiro de suas famílias durante o ensino superior têm a necessidade de trabalhar para gerar renda. Conciliar cotidianamente estudo e trabalho tem sido uma demanda crescente na sociedade brasileira. Muitos jovens e adultos vivem a situação simultânea de serem trabalhadores e universitários. Entre os universitários que têm necessidade de trabalhar, Tombolato (2005) encontrou em sua pesquisa a categoria “ocupacional de serviços” como a mais frequente empregabilidade entre esses alunos, seguida pela indústria e por último o comércio.

Com relação à residência do universitário, tem-se percebido que, entre os estudantes de ensino superior residentes com os pais, morar sozinho pode ser visto como algo que poderia até trazer desconforto, sendo antecipada uma possível queda no padrão de vida. A desejada autonomia financeira não implica necessariamente em morar sozinho, pelo menos não em um futuro próximo (TEIXEIRA; GOMES, 2004).

Entretanto vale ressaltar que dentro do perfil universitário também pode se encontrar um nicho de consumidores menos sensíveis ao preço. O trabalho realizado por Pinese, Moriguchi e Pimenta (2015) ilustra esta perspectiva. Investigou-se o comportamento de consumo de jovens universitários investidores e encontrou-se perfis de universitários economicamente abertos à mudança, orientados por valores de autodirecionamento; estudantes que pensam no futuro e no autoaprimoramento, orientado por valores de realização; e alunos orientados por valores de segurança, com um perfil sem grandes ambições.

4. MÉTODOS E PROCEDIMENTOS

A presente pesquisa utiliza uma metodologia exploratória, quantitativa, baseada em dados primários, os quais foram coletados através de uma pesquisa do tipo *survey*. Para a coleta de dados, realizou-se um questionário de autopreenchimento através do software *Survey Monkey*[®]. Este foi aplicado via internet, a partir do envio de um link de acesso por e-mails e também por grupos da universidade nas redes sociais, assegurando aos participantes que sua identidade seria preservada, explicitada a voluntariedade e a possibilidade de parar a qualquer momento com o preenchimento.

A amostra foi selecionada por conveniência. Todos os voluntários eram estudantes universitários, graduandos ou pós-graduandos, do sexo masculino, com idade superior a 18 anos, pertencentes à Universidade Federal de Lavras – UFLA. A coleta se deu no primeiro semestre de 2013.

O questionário foi aplicado conforme o modelo utilizado para avaliar a atitude no consumo dos alimentos saudáveis (MISSAGIA, 2012). O modelo estudado agrupou escalas diferentes para avaliar os valores alimentares (salubridade, sabor, preço, segurança, conveniência, socialização), atitudes dos consumidores com relação à alimentação saudável,

ações de consumo de alimentos saudáveis pelos entrevistados e as características sociodemográficas destes.

Foram respondidos 286 questionários, porém, após exclusão de casos em que as respostas foram incompletas ou em que respostas iguais foram marcadas em todos os itens da escala, obteve-se um total de 205 questionários validados. Os dados coletados foram tratados e analisados com a utilização do software SPSS 17.0[®]. Foram realizadas estatísticas descritivas, análise fatorial, análise da confiabilidade através do Alfa de Crombach, teste de variância ANOVA e teste de Dunnett a fim de verificar associações entre as influências da renda aos fatores associados ao comportamento alimentar em homens universitários.

Na próxima seção serão detalhados os principais resultados destes questionários, buscando-se identificar as influências da renda aos fatores associados ao comportamento alimentar em homens universitários.

5. ANÁLISE DOS RESULTADOS E DISCUSSÃO

5.1 Qualificação da Amostra

A partir dos dados coletados pela presente pesquisa, foram feitas distribuições de frequências absoluta e relativa das variáveis sociodemográficas descritas a seguir.

A maioria dos entrevistados, 42,5%, encontra-se na faixa etária de 21 a 24 anos, as demais faixas foram constituídas por 20,8% dos respondentes entre 24 e 27 anos, 20,8% tinham até 20 anos e 15% relataram ter 28 anos ou mais. O perfil universitário no brasileiro ainda reflete a demanda reprimida que o país não foi capaz de atender durante alguns anos. O estudante de ensino superior no Brasil é mais velho que a faixa etária ideal de 18 a 24 anos. Os ingressantes da considerada faixa adulta, acima dos 25 anos, passaram de 35,81% no ano 2000 para 39,73% em 2006 (BORGES, 2012).

Em relação aos dados referentes à renda familiar mensal, identificou-se que 36,7% dos entrevistados apresentam renda mensal de 2 a 5 salários mínimos (de R\$1.245,00 até R\$ 3.110,00), 24,6% dos participantes de 5 a 10 salários mínimos (de R\$ 3.111,00 até R\$6.220,00), 20,8% mais de 10 salários mínimos (acima de R\$6.221,00) e 16,9% até 2 salários mínimos (até R\$1.244,00).

De acordo com os achados da pesquisa de Ristoff (2013), 34% dos estudantes brasileiros estão na faixa de renda mensal familiar de até três salários mínimos. Os dados dos dois primeiros ciclos completos do Enade, de 2004 a 2009, apontam que houve um aumento de 11% de estudantes de famílias dessa faixa de renda, diminuindo a distância entre os percentuais do campus e da sociedade. Mesmo assim, é possível inferir que persiste uma expressiva distorção de natureza socioeconômica no campus brasileiro.

Averiguou-se que entre os participantes desta pesquisa a maioria, 57,5%, não reside com os pais. No estudo realizado por Borges e Lima-Filho (2004), para os universitários, o processo de escolha dos alimentos é influenciado por diversos fatores e nem sempre, este depende exclusivamente deles próprios. Isto ocorre principalmente quando ainda moram com os pais, sendo assim, a escolha é realizada basicamente pelas mães destes alunos. Há também menção no estudo citado sobre a falta de variedade de alimentos consumidos por parte dos que não residem com a família e se mostram insatisfeitos com esta situação.

Referindo se à renda pessoal dos participantes, de acordo com os resultados encontrados, a maioria, 55,6%, recebe até um salário mínimo, 23,7% recebem de 1 a 2 salários mínimos (de R\$623,0 até R\$1.244,00), 19,8% recebem de 2 a 5 salários mínimos (de R\$1.245,00 até R\$ 3.110,00). Pode-se inferir que a maioria dos pesquisados possuem renda própria abaixo de um salário mínimo, um dado que contrasta de certa forma com renda familiar que apresentou a menor faixa de renda como minoria dos entrevistados.

Com intuito de melhor caracterizar a amostra, analisou-se a frequência de prática de atividade física. A prevalência de sedentarismo entre os participantes apresentou a maior frequência entre as demais variáveis, atingindo um percentual de 25,6%, seguido de 15,9% que praticam de 1 a 3 vezes na semana menos de meia hora, 24,2% de praticantes de atividade física de 1 a 3 vezes na semana por mais de meia hora, 2,4% praticam atividade física de 3 a 5 vezes na semana menos de meia hora, 23,7% praticam de 3 a 5 vezes na semana mais de meia hora, 5% dos participantes praticam todos os dias menos de meia hora e 6,8% praticam todos os dias mais de meia hora.

Os dados obtidos estão de acordo com o estudo de Marcondelli, Costa e Schmitz (2008), o qual constatou inadequação de hábitos alimentares e o alto nível de sedentarismo entre estudantes universitários da área de saúde. A educação e o nível socioeconômico são fatores associados ao nível de atividade física, quanto maior a educação e o nível socioeconômico, maior deveria ser o entendimento dos benefícios do exercício e alimentação balanceada, porém, observou-se um alto percentual de sedentarismo entre os entrevistados.

5.2 Análise Fatorial

Descreve-se a seguir os procedimentos realizados para confirmação dos fatores propostos na escala utilizada. Para tanto, foi realizada a análise fatorial dos itens da escala com a finalidade de facilitar a interpretação dos resultados obtidos, uma vez que o número de questões utilizadas foi extenso. Para extrair os fatores, foi utilizado o método dos componentes principais e rotação ortogonal VARIMAX. O índice KMO atingiu 0,771, valor satisfatório, segundo Hair et al. (2009), e o teste de esfericidade de Barlett apresentou o índice de 3652,729 ($p < 0.0001$). O critério de corte foi o eigenvalue = 1 e o total da variância explicada atingiu 66,69% dos casos analisados.

Os fatores foram analisados em relação aos níveis de confiabilidade interna através do Alfa de Crombach, e após considerar apenas os índices superiores 0,6 (HAIR et al., 2009), passou-se a analisar a composição de 8 fatores que são descritos quanto a suas variáveis e nomes adotados conforme a característica do resultado em cada fator conforme o Quadro 1.

Quadro 1 - Fatores e variáveis resultantes da análise fatorial e índice de confiabilidade

Fatores	Variáveis	Carga Fatorial
Práticas saudáveis de alimentação	Evito consumir alimentos calóricos e com baixo valor nutricional (ex.: doces, frituras, salgadinhos, etc.).	0,714
	Procuro seguir as recomendações alimentares dos profissionais de saúde.	0,708
	Tento consumir porções menores de alimentos.	0,674

	Substituo alimentos convencionais por suas versões mais saudáveis (ex.: light, desnatados, integrais, 0% trans).	0,658
	Procuro limitar a ingestão de gorduras saturadas (aquelas presentes em produtos de origem animal: queijo, carnes vermelhas, manteiga, etc).	0,641
	Consumo, diariamente, pelo menos 3 porções de frutas, verduras ou legumes.	0,598
	Tenho consciência da quantidade de calorias que consumo diariamente.	0,596
	Paro de comer quando estou satisfeito, evitando ingerir alimentos em excesso.	0,585
	Escolho restaurantes que tenham opções saudáveis.	0,558
	Verifico as informações nutricionais dos alimentos antes de consumi-los.	0,494
	Alpha de Crombach =	0,860
Atitude	É importante seguir uma dieta saudável e balanceada.	0,779
	Acredito que é possível prevenir doenças com bons hábitos alimentares.	0,688
	As pessoas deviam se preocupar mais com a própria alimentação.	0,686
	É arriscado comer apenas o que se gosta sem se preocupar se é saudável ou não.	0,679
	Uma alimentação saudável traz benefícios para a saúde das pessoas.	0,665
	As pessoas devem evitar alimentos que possam fazer mal para a saúde.	0,590
	Alpha de Crombach =	0,788
Conveniência	Possam ser comprados perto de onde eu moro/trabalho	0,805
	Não gastem tempo para preparar	0,792
	Sejam práticos e de fácil preparo	0,778
	Sejam facilmente encontrados em lojas e supermercados	0,644
	Alpha de Crombach =	0,788
Salubridade	Me mantenham saudável	0,779
	Sejam nutritivos	0,739
	Façam bem para a minha pele/cabelo/unhas/dentes	0,721
	Alpha de Crombach =	0,809
Sociabilidade	Gosto de compartilhar refeições com pessoas que são importantes para mim.	0,859
	Celebro ocasiões especiais com um almoço ou jantar	0,787

	especial na companhia de pessoas queridas.	
	Prefiro fazer refeições acompanhado(a)	0,760
	<i>Alpha de Crombach =</i>	0,804
Preço	Sejam baratos	0,884
	Não sejam caros	0,852
	Tenham uma boa relação custo/benefício	0,844
	<i>Alpha de Crombach =</i>	0,869
Segurança	Estejam livres de agrotóxicos	0,804
	Não contenham aditivos químicos	0,794
	<i>Alpha de Crombach =</i>	0,925
Sabor	Os alimentos devem ser uma fonte de prazer	0,650
	Gosto de saborear os alimentos enquanto como	0,615
	Só como os alimentos que eu gosto	0,528
	Sejam saborosos	0,480
	<i>Alpha de Crombach =</i>	0,603

Fonte: Dados da Pesquisa

Em virtude da análise de fatores, algumas variáveis foram excluídas por não apresentarem cargas fatoriais adequadas ou por carregarem em mais de um fator. Algumas variáveis não se agruparam fatores ficando isoladas na matriz rotacionada e também foram excluídas, por fim, fatores com Alfa de Crombach inferior ao indicado como aceitável também foram excluídos.

Ao final da análise, as seguintes variáveis foram excluídas da análise: 1) Possam ser compartilhados com parentes ou amigos; 2) Os alimentos devem ser uma fonte de prazer; 3) Gosto de saborear os alimentos enquanto como; 4) Só como os alimentos que eu gosto; 5) Sejam saborosos; 6) Dou preferência aos produtos de marcas conhecidas; 7) Não comparo os preços entre as marcas antes de adquirir um produto; 8) Evito adicionar sal aos alimentos durante as refeições e 9) Procuo saber se os alimentos que consumo foram preparados com higiene.

Cabe ressaltar que não foi objetivo deste estudo aprofundar nos resultados em comparação com a escala inicialmente proposta. Teve-se como objetivo verificar os fatores que pudessem servir de análise do comportamento relacionado aos alimentos em função da renda dos estudantes e, para tanto, foi continuada a análise com a organização dos fatores pela média das variáveis constituintes, para melhor compreensão dos resultados.

5.3 ANOVA

Com o objetivo de identificar a influência da renda no comportamento, procedeu-se a análise de variância ANOVA para identificar diferenças entre as classes de renda das variáveis “Renda Familiar Mensal” e “Renda Individual Mensal” a partir dos fatores encontrados e descritos anteriormente.

Tabela 1 - Anova Fatores pela Renda Familiar Mensal e pela Renda Individual Mensal

Fatores	Renda Familiar		Renda Individual	
	F	Sig.	F	Sig.
<i>Práticas Saudáveis de Alimentação</i>	<i>5,917</i>	<i>0,001*</i>	<i>3,102</i>	<i>0,047*</i>
Atitude	0,567	0,637	2,157	0,118
Conveniência	0,189	0,904	0,453	0,636
Salubridade	1,236	0,298	1,472	0,232
Sociabilidade	0,134	0,940	0,032	0,969
<i>Preço</i>	<i>2,412</i>	<i>0,068</i>	<i>5,175</i>	<i>0,006*</i>
Segurança	1,904	0,130	0,629	0,534
Sabor	2,57	0,055	0,074	0,929

Nota: *Diferença significativa

Fonte: Dados da Pesquisa

A tabela 1 apresenta os valores de F e nível de significância para a diferença a partir dos fatores nas variáveis Renda Familiar Mensal e Renda Individual Mensal. Para a variável Renda Familiar Mensal foram observadas diferenças significativas para o Fator “Práticas Saudáveis de Alimentação” ($p < 0,001$) e para a variável Renda Individual Mensal foram encontradas diferenças significativas nos fatores “Práticas Saudáveis de Alimentação” ($p < 0,05$) e Preço. ($p < 0,01$).

A fim de identificar quais faixas de Renda Individual e Familiar mensais que se diferenciaram entre si, foi aplicado o Teste de Tukey descrito nas Tabelas 2 e 3. O Teste de Tukey compara a diferença das médias calculadas na ANOVA por pares de categorias nas variáveis que neste caso foram as faixas de renda individual e faixas de renda familiar.

Tabela 2 - Comparação das Faixas de Renda Familiar Mensal no Fator Práticas Saudáveis de Alimentação

Fatores	Faixas de Renda Familiar Mensal	Teste de Tukey Significância	
Práticas Saudáveis de Alimentação	Até 2 (de R\$623,0 até R\$1.244,00)	De 2 a 5 (de R\$1.245,00 até R\$ 3.110,00)	0,670
		De 5 a 10 (de R\$ 3.111,00 até R\$6.220,00)	0,999
		Mais de 10 (R\$6.221,00)	0,062
	De 2 a 5 (de R\$1.245,00 até R\$ 3.110,00)	Até 2 (de R\$623,0 até R\$1.244,00)	0,670
		De 5 a 10 (de R\$ 3.111,00 até R\$6.220,00)	0,458
		Mais de 10 (R\$6.221,00)	0,000*
	De 5 a 10 (de R\$ 3.111,00 até R\$6.220,00)	Até 2 (de R\$623,0 até R\$1.244,00)	0,999
		De 2 a 5 (de R\$1.245,00 até R\$ 3.110,00)	0,458
		Mais de 10 (R\$6.221,00)	0,050*

Nota: *Diferença significativa entre as faixas

Fonte: Dados da Pesquisa

Para a variável Renda Familiar Mensal o fator “Práticas Saudáveis de Alimentação” se distinguiu dentre o grupo de renda entre 2 e 5 salários mínimos e o grupo de mais de 10 salários mínimos ($p < 0.0001$). Diferença entre os grupos de renda entre 5 e 10 salários mínimos e o de mais de 10 também foram encontradas ($p < 0.05$).

A faixa de renda de mais de 10 salários difere das faixas intermediárias de renda familiar. Cabe ressaltar que a faixa de menor valor declarado (até 2 salários mínimos) não se diferiu de nenhuma outra.

O Fator Práticas Saudáveis de Alimentação que apresentou médias crescentes em função da renda aparece com uma tendência de ligação a condição financeira das famílias das pessoas. Entretanto a faixa de renda mais baixa da população pesquisada não se distinguiu das outras faixas.

A amostra do estudo em questão foi classificada com a renda individual mensal no intuito de melhor compreensão da realidade da alimentação universitária. Ressaltam-se os programas de bolsa, as possibilidades de estágio e ingresso no mercado de trabalho formal e assistência ao estudante universitário que podem permitir diferenças entre os padrões de renda do estudante e da família. Nesse sentido as diferenças entre as faixas de renda individual também foram significativas nas faixas de renda individual mensal dos estudantes bem como o fator preço.

Tabela 3 - Comparação das Faixas de Renda Familiar Mensal nos Fatores Práticas Saudáveis de Alimentação e Preço

Fatores	Faixas Renda Individual Mensal	Sig. Teste de Tukey
Práticas Saudáveis de Alimentação	De 1 a 2 (de R\$623,0 até R\$1.244,00)	0,946
	Até 1 (Até R\$622,00)	0,039*
	De 2 a 5 (de R\$1.245,00 até R\$3.110,00)	
	De 1 a 2 (de R\$623,0 até R\$1.244,00)	0,153
Preço	De 1 a 2 (de R\$623,0 até R\$1.244,00)	0,219
	Até 1 (Até R\$622,00)	0,006*
	De 2 a 5 (de R\$1.245,00 até R\$3.110,00)	
	De 1 a 2 (de R\$623,0 até R\$1.244,00)	0,383

Nota: *Diferença significativa entre as faixas

Fonte: Dados da Pesquisa

Pode-se verificar que a faixa de renda familiar individual de até 1 salário mínimo diferiu em ambos os fatores da faixa entre 2 e cinco salários mínimos. A faixa intermediária que compreendia rendas individuais entre 1 e 2 salários não se diferiu das demais faixas presentes nas extremidades da tabela.

Para fins de melhor entendimento das diferenças encontradas através da ANOVA, a tabulação cruzada entre as variáveis “Renda Familiar Mensal” e “Renda Individual Mensal” foi conduzida em conjunto com o teste de Qui-Quadrado de Pearson as tendências de aproximação do grupo de menor renda individual com o grupo de menor renda familiar mensal se confirma, assim como a segunda faixa das rendas avaliadas e por fim a terceira e quarta faixa de renda familiar são relacionadas a maior renda individual do estudante (Tabela 4).

Tabela 4 - Tabulação Cruzada entre as Variáveis Renda Familiar e Individual Mensais

Renda Individual		Renda Familiar				Total
		Até 2 (de R\$623,0 até R\$1.244,00)	De 2 a 5 (de R\$1.245,00 até R\$ 3.110,00)	De 5 a 10 (de R\$ 3.111,00 até R\$6.220,00)	Mais de 10 (de R\$6.221,00 até R\$12.440,00)	
Até 1 (Até R\$622,00)	Frequência	29	45	24	17	115
	Frequência Esperada	19,6	42,6	28,6	24,1	115,0
	% na renda Individual	25,2%	39,1%	20,9%	14,8%	100,0%
	Valor Residual	9,4	2,4	-4,6	-7,1	
De 1 a 2 (de R\$623,0 até R\$1.244,00)	Frequência	6	21	12	10	49
	Frequência Esperada	8,4	18,2	12,2	10,3	49,0
	% na renda Individual	12,2%	42,9%	24,5%	20,4%	100,0%
	Valor Residual	-2,4	2,8	-,2	-,3	
De 2 a 5 (de R\$1.245,00 até R\$ 3.110,00)	Frequência	0	10	15	16	41
	Frequência Esperada	7,0	15,2	10,2	8,6	41,0
	% na renda Individual	0,0%	24,4%	36,6%	39,0%	100,0%
	Valor Residual	-7,0	-5,2	4,8	7,4	

Qui-quadrado 25.971^a, graus de liberdade 6, Sig. p<0.0001

Fonte: Dados da Pesquisa

Percebe-se ainda que a faixa de renda familiar de menor valor possui a menor frequência absoluta dentre as demais e seu cruzamento com a maior faixa de renda individual não apresenta frequência. As características da amostra possuem limitações características da pesquisa social não representativa. Fato que não desmerece as tendências apresentadas e que reforça a necessidade de novas incursões com amostras representativas para fins das comprovações das tendências apresentadas.

6. CONSIDERAÇÕES FINAIS

A apresentação dos resultados obtidos a partir das análises estatísticas, assim como as suas breves discussões, mostrou a relevância das contribuições deste estudo. Esta pesquisa

objetivou descrever as influências da renda em fatores associados ao comportamento alimentar em universitários. Após a coleta de dados e análise de resultados, verificou-se que o fator “Práticas Saudáveis de Alimentação” é influenciado pela renda familiar e renda pessoal dos entrevistados. O fator “Preço” também apresenta diferença quando avaliado em função da renda individual, ou seja, os universitários consideram o preço dos alimentos um fator relevante em função aos próprios rendimentos, enquanto as práticas saudáveis são percebidas em função das diferenças de faixas de renda tanto familiar quanto individual. Morar ou não com os pais não influenciou para o comportamento alimentar.

Ao analisar as variáveis presentes no fator “Práticas Saudáveis de Alimentação” identificou-se que práticas relacionadas à substituição de alimentos de baixo valor nutricional por alimentos mais recomendáveis para uma boa dieta estão relacionadas à renda tanto individual quanto familiar dos estudantes. É pertinente a atenção à característica destes estudantes e perspectiva de oferta de informação a práticas saudáveis de alimentação, porém há que se entender que o preço também influencia e se relaciona às práticas uma vez que produtos com características saudáveis hoje possuem preços diferenciados no mercado. Entretanto, o consumo de legumes e frutas pode ser uma alternativa viável em relação ao custo uma vez que são mais acessíveis, porém a conveniência, apesar de não ser um fator de diferenciação entre as classes de renda aqui adotadas pode prejudicar a adoção da ingestão de alimentos mais saudáveis.

Já para o fator “Preço” percebe-se que este possui uma condição diferenciada na renda individual do estudante que analisa a relação de custo/benefício dos produtos adquiridos e podem não possuir margem para escolher ofertas de maior valor nutricional.

O presente estudo pode ser o início de uma discussão em universidades que podem trabalhar melhor esta questão tanto na oferta de alimentos em restaurantes universitários quanto na observação da qualidade da oferta de alimentos que são comercializados nos campus.

Informações de boas práticas de alimentação podem ser direcionadas aos universitários, porém, atentando-se para o fato de que o valor das práticas pode ser um complicador para a aderência aos hábitos da alimentação saudável.

Devido à natureza exploratória da presente pesquisa, recomendam-se novas análises, para fins de avanço nas discussões desta temática. Tal assunto merece novas incursões devido à complexidade dos problemas relacionados ao consumo de alimentos saudáveis evidenciados na presente pesquisa, bem como para melhores relações com os valores, atitude e comportamento de consumo de alimentos saudáveis.

O presente estudo pode ser o início de uma discussão em universidades em relação às boas práticas de alimentação, porém, atentando-se para que o custo que estas podem representar. A qualidade da oferta de alimentos subsidiados ou não em restaurantes e lanchonetes também pode ser discutida frente às dificuldades identificadas no estudo.

REFERÊNCIAS

AGÊNCIA NACIONAL DE VIGILÂNCIA SANITÁRIA (ANVISA). **Alimentação saudável: fique esperto!** Brasília, 2007. Disponível em:

http://www.anvisa.gov.br/propaganda/alimento_saudavel_gprop_web.pdf. Acesso em: 06 maio 2016.

ALMEIDA, L; MARINHO-ARAUJO, C. M; AMARAL, A; DIAS, D. Democratização do acesso e do sucesso no ensino superior: uma reflexão a partir das realidades de Portugal e do Brasil. **Avaliação (Campinas)**, Sorocaba, v. 17, n. 3, p. 899-920, Nov. 2012. Disponível em: <http://www.scielo.br/scielo.php?script=sci_arttext&pid=S141440772012000300014&lng=en&nrm=iso>. Acesso em 03 abril 2015.

ALMEIDA, W. M. **Ampliação do acesso ao ensino superior privado lucrativo brasileiro: um estudo sociológico com bolsistas do Prouni na cidade de São Paulo**. 2012. Tese (Doutorado em Sociologia) - Faculdade de Filosofia, Letras e Ciências Humanas, Universidade de São Paulo, São Paulo, 2012.

ALVARENGA, M. S; SCAGLIUSI, F. B; PHILIPPI, S. T. Comparison of eating attitudes among university students from the five Brazilian regions. **Ciência e Saúde Coletiva**, Rio de Janeiro, v. 17, n. 2, p. 435-444, 2012.

ALVES, H. J; BOOG, M. C. F. Comportamento alimentar em moradia estudantil: um espaço para promoção da saúde. **Revista de Saúde Pública**, São Paulo, v. 41, n. 2, p. 197-204, 2007.

BARDAGI, M. P. **Evasão e comportamento vocacional de universitários: Estudos sobre o desenvolvimento de carreira na graduação**. Tese de doutorado, Universidade Federal do Rio Grande do Sul, Brasil, 2007.

BORGES, B. S. Mudanças Impostas Pela Geração “Y” Nos Contextos Político E Educacional Brasileiro. **Cadernos da FUCAMP**, v.11, n.15, p.71-81, 2012.

BORGES, C. M; LIMA-FILHO, D. O. Hábitos alimentares dos estudantes universitários: um estudo qualitativo. **Anais... VII SEMEAD - Seminários em administração**, Universidade de São Paulo, SP, Brasil, 2004.

BRASIL. Ministério da Educação (MEC). Instituto Nacional de Estudos e Pesquisas Educacionais Anísio Teixeira (INEP). **Censo da Educação Superior 2013**. Brasília: INEP, 2014. Disponível em:

http://download.inep.gov.br/educacao_superior/censo_superior/apresentacao/2014/coletiva_censo_superior_2013.pdf. Acesso em 26 maio 2015.

CATANI, A. M., HEY, A. P., GILIOLI, R. S. P. ProUni: democratização do acesso às Instituições de Ensino Superior? **Revista Educar**, Curitiba, n. 28, p. 125-140, 2006. Editora UFPR.

CLAUMANN, G. S., PEREIRA, É. F., PELEGRINI, A. Prática de caminhada, atividade física moderada e vigorosa e fatores associados em estudantes do primeiro ano de uma instituição de ensino superior. **Revista Motricidade** Ribeira de Pena, v. 10, n. 4, dez. 2014.

COBRA, M. **Administração de Marketing**. 3ª edição. Rio de Janeiro RJ – Brasil: Elsevier Editora Ltda., 2009, 428p.

DAINESI, S. M; GOLDBAUM, M. E-survey with researchers, members of ethics committees and sponsors of clinical research in Brazil: an emerging methodology for scientific research. **Revista Brasileira de Epidemiologia**, São Paulo, v. 15, n. 4, p. 705-713, 2012.

- DELIENS, T; CLARYS, P; BOURDEAUDHUIJ, I. D; DEFORCHE, B. Determinants of eating behaviour in university students: a qualitative study using focus group discussions. **BMC public health**, p. 1-12, 2014.
- DIAS, C., CORTE-REAL, N., CORREDEIRA, R., BARREIROS, A., BASTOS, T., FONSECA, A. M. A prática desportiva dos estudantes universitários e suas relações com as autopercepções físicas, bem-estar subjectivo e felicidade. **Estudos de psicologia (Natal)**, v. 13, n. 3, p. 223-232, 2008.
- DUARTE, F. M; DE ALMEIDA, S. D. S; MARTINS, K. A. Alimentação fora do domicílio de universitários de alguns cursos da área da saúde de uma instituição privada. **O Mundo da Saúde**, São Paulo, 37(3), p. 288-298, 2013.
- FARIA, Y. O; GANDOLFI, L; MOURA, L. B. A. Prevalência de comportamentos de risco em adulto jovem e universitário. **Acta Paulista de Enfermagem**, São Paulo, v. 27, n. 6, p. 591-595, 2014.
- FILHO, R. L. L. S., MOTEJUNAS, P. R., HIPÓLITO, O., LOBO, M. B. C. M. A evasão no ensino superior brasileiro. **Cadernos de Pesquisa**, p. 641-659, 2007.
- GÓMEZ-LÓPEZ, M; GALLEGOS, A. G; EXTREMERA, A. B. Perceived barriers by university students in the practice of physical activities. **Journal of sports science & medicine**, 9.3, p. 374-381, 2010.
- LIMA FILHO, D. O; WATANABE, E. A. M.; OLIVEIRA, L. D. S.; SILVA, F. Q. P. O. Impacto das informações nutricionais no comportamento do consumidor de restaurantes. **Organizações Rurais & Agroindustriais**, v. 16, n. 3, p. 404-416, 2014.
- MARCONDELLI, P; COSTA, T. H. M; SCHMITZ, B. A. S. Nível de atividade física e hábitos alimentares de universitários do 3º ao 5º semestres da área da saúde. **Revista de Nutrição**, Campinas, v. 21, n. 1, p. 39-47, 2008.
- MIELKE, G. I; RAMIS, T. R; HABEYCHE, E. C; OLIZ, M. M; GERMANO, M; TESSMER, S; AZEVEDO, M. R; HALLAL, P. C. Atividade física e fatores associados em universitários do primeiro ano da universidade federal de Pelotas. **Revista Brasileira de Atividade Física & Saúde**. Pelotas, v. 15, n. 1, p. 57-64, 2010. Disponível em: <http://periodicos.ufpel.edu.br/ojs2/index.php/RBAFS/article/viewFile/696/696>. Acesso em 04 abril 2015.
- MINISTÉRIO DA SAÚDE. **Guia alimentar: como ter uma alimentação saudável**. Brasília, 2012. Disponível em: http://bvsm.sau.gov.br/bvs/publicacoes/guia_alimentar_alimentacao_saudavel.pdf. Acesso em 06 maio 2016.
- MISSAGIA, S. V. **A influência dos valores alimentares e das atitudes no consumo de alimentos saudáveis**. Dissertação de mestrado, Universidade Federal de Lavras, Lavras, MG, Brasil, (2012).
- MORALES, B. S; VARGAS, H. M; MALDONADO, J. S; CORIA, M. D. Satisfacción con la alimentación y la vida, un estudio exploratorio en estudiantes de la universidad de la frontera, Temuco-Chile. **Psicología e Sociedade**, Florianópolis, v. 23, n. 2, p. 426-435, 2011.
- OLIVEIRA, M. D; MELO-SILVA, L. L. Estudantes universitários: a influência das variáveis socioeconômicas e culturais na carreira. **Revista Semestral da Associação Brasileira de Psicologia Escolar e Educacional**- SP, Volume 14, Número 1, p.23-34, 2010.

- PINESE, H. P.; MORIGUCHI, S. N.; PIMENTA, M. L. Os Valores Pessoais que Orientam o Comportamento de Jovens Universitários como Investidores da Bolsa . **Revista de Administração da UFSM**, v. 8, n. 4, p. 598-615, 2015. RAMIS, T. R., MIELKE, G. Iven; HABEYCHE, E. C., OLIZ, M. M., AZEVEDO, M. R., HALLAL, P. C. Tabagismo e consumo de álcool em estudantes universitários: prevalência e fatores associados. **Revista Brasil Epidemiologia**, 15(2), p. 376-85, 2012.
- RISTOFF, D. I. Perfil socioeconômico do estudante de graduação: uma análise de dois ciclos completos do Enade (2004 a 2009). **Cadernos do GEA**, Rio de Janeiro: Flacso/Brasil, n.4, 2013.
- SAVIO, K. E. O; COSTA, T. H. M; SCHMITZ, B. A. S; SILVA, E. F. Sexo, renda e escolaridade associados ao nível de atividade física de trabalhadores. **Revista de Saúde Pública**, São Paulo, v. 42, n. 3, 2008.
- SILVA, F. C; VIZZOTTO, M. M. Perfil do estudante universitário usuário de tecnologias. **Psicólogo inFormação**, ano 17, n, 17 p. 39-55, 2013.
- SILVA, I; PAIS-RIBEIRO, J.L.; CARDOSO, H. Porque comemos o que comemos: Determinantes psicossociais da seleção alimentar. **Psicologia, Saúde & Doenças**, Lisboa, v. 9, n. 2, p.189-208, 2008.
- TEIXEIRA, M. A. P; GOMES, W. B. Estou me formando... e agora?: Reflexões e perspectivas de jovens formandos universitários. **Revista brasileira de orientação profissional**, São Paulo, v. 5, n. 1, jun. 2004.
- TOMBOLATO, M. C. R. **Qualidade de vida e sintomas psicopatológicos do estudante universitário trabalhador**. Dissertação de mestrado, Pontifícia Universidade Católica de Campina, Campinas-SP, Brasil, 2005.
- VARGAS, G. G. M. Factores asociados al rendimiento académico tomando en cuenta el nivel socioeconómico: Estudio de regresión múltiple en estudiantes universitarios. **Revista Electrónica Educare** vol.18 n.1 p. 119-154, 2014.
- VERONEZE, R. B.; SOUSA, A. A. A.; PIMENTEL, J. R. S. Z.; FIGUEIREDO, V. C.; SILVA, I. C. M. Da Saúde ao Lazer: o Impacto dos Fatores Sociais e Econômicos no Consumo de Jovens Universitários. **Reuna**, v. 21, n. 1, p. 121-140, 2016.
- ZAGO, N. Do acesso à permanência no ensino superior: percursos de estudantes universitários de camadas populares camadas populares. **Revista Brasileira de Educação**, v. 11 n. 32, p.226-370, 2006.